

In: *Revista de Antropologia*, Universidade de São Paulo, Vol. 38, no. 1, 1995, p. 169-189.

Possessão por Espírito e Inovação Cultural: o Caso de Duas Líderes Religiosas do Japão

Ronan Alves Pereira

RESUMO: A religião é percebida não raramente como uma instituição conservadora. Porém, neste artigo, tenta-se mostrar que ela também pode ter um potencial transformador espetacular, ao menos como catalisador de transformações. Toma-se o caso de duas fundadoras religiosas do Japão, Miki Nakayama (1798-1887) e Nao Deguchi (1836-1918), para discutir três níveis da experiência religiosa: (I) o nível da reintegração da personalidade da pessoa envolvida, (II) a mudança de status social dessa pessoa e (III) a possibilidade dessa pessoa "transformada" interferir e/ou alterar o sistema sociocultural. Mais do que a mudança em si, o que importa aqui é a possibilidade ou a potencialidade de mudança ocasionada pelos estados especiais de consciência (transe, visões oníricas, alucinações, etc.).

PALAVRAS-CHAVE: religião, Japão, possessão.

Introdução

Neste artigo¹ tratarei da vida de Miki Nakayama (1798-1887) e de Nao Deguchi (1836-1918), duas mulheres japonesas que, depois de passarem por uma experiência de “possessão” por espíritos divinos, fundaram grupos religiosos (respectivamente, *Tenrikyô* e *Oomoto*)² no final do século passado. Assim como Miki e Nao, inúmeras mulheres fundaram religiões no Japão. A escolha pelo caso dessas duas mulheres se deu por elas terem vivido num mesmo contexto histórico (final do feudalismo e início da modernização no Japão com a ascensão do imperador Meiji) e por apresentarem um padrão de experiência religiosa similar ao que veremos a seguir.

Tomando as vidas de Miki e Nao, é enfatizada a experiência que elas tiveram de “possessão divina” para discutir a possibilidade de inovação da cultura pelo indivíduo, particularmente quando este indivíduo está num “estado especial de consciência” (transe, visões oníricas, alucinações, etc.). A (re-)criação e/ou introdução do “novo”, como será dito, não implica necessariamente a erradicação do “velho”. Ainda é preciso salientar que “inovação” não é um processo que sai do nada, mas possui um referencial no espaço e no tempo; digamos assim, é um processo com matriz histórica e sociocultural.

Ao fazer uso de “histórias de vida” neste artigo, pretendo ir além do individual e explorar a relação entre o indivíduo e o sistema sociocultural. Por fim, é meu intento lançar alguma luz na questão: como é que a experiência religiosa de pessoas “possuídas”, xamãs ou fundadores pode contribuir não somente para a integração de suas personalidades, como também para a inovação do sistema sociocultural?

A trajetória de vida das duas fundadoras

Tanto Miki Nakayama quanto Nao Deguchi nasceram durante o período Tokugawa (1600-1868) em áreas rurais da região de Kansai: Miki, perto de Nara; e Nao, perto de Quioto.

Quando Miki nasceu, em 1798, sua família (Maegawa), embora originalmente plebéia, ainda possuía o título de *musokunin* (samurai não remunerado e sem um feudo). Com esse título, os Maegawa podiam portar espada e ter um nome e insígnia da família. Miki teve as primeiras aulas de escrita e leitura com seu pai e chegou a freqüentar uma escola-templo da vizinhança. Embora alimentasse o desejo de se tornar uma monja budista, ela teve de se casar com um primo, aos treze anos de idade. A maioria dos biógrafos de Miki a descreve como uma exemplar mulher feudal, dando o máximo para preencher o papel de esposa. Por ocasião do nascimento de sua filha caçula, Miki parece ter perdido o equilíbrio psíquico e começou a sofrer desmaios e sentir “como se seu corpo estivesse sendo sacudido”. Mas o fato que foi mais determinante na vida dela foram as dores súbitas e insuportáveis que seu filho mais velho, Shûji, começou a sentir na perna esquerda. Mesmo após um ano de tratamento médico e de sessões de exorcismo, a dor desaparecia e retornava da mesma misteriosa forma. Durante um desses rituais exorcizantes para curar o filho, Miki atuou como médium e foi possuída por uma divindade que dizia querer tomar o corpo dela como o seu “sacrário”. Depois dessa possessão inicial, Miki ficou em reclusão por volta de três anos, vestindo roupas pretas. Nesse período de auto-isolamento, houve uma mudança radical em sua vida. Após a morte de seu marido, ela contou com a ajuda de seu filho Shûji e, acima de tudo, do carpinteiro Iburi Izô (1833-1907) na organização de um culto à divindade *Tenri-ô-no-mikoto*. Inspirada por essa divindade, ela curou os doentes e criou sua própria doutrina, danças, músicas, etc.

A família de Nao (Kirimura) mantinha a tradição de produzir bons carpinteiros a serviço da nobreza, o que lhe conferia certos privilégios. Porém, na época do nascimento de Nao (1836), os Kirimura eram extremamente pobres. Seu pai morreu quando ela tinha apenas nove anos, levando-a assim a trabalhar como doméstica. Nao gostava de um rapaz que morava num vilarejo vizinho, mas foi pressionada a assumir a casa de uma recém-falecida tia materna e a se casar aos dezenove anos com um carpinteiro. Nos primeiros anos de vida conjugal, Nao teve um pouco de estabilidade, mas sua família foi aos poucos entrando em bancarrota. Seu marido era a principal causa disso: além de alcoólatra, ele sofreu um acidente no trabalho e ficou imobilizado numa cama por três anos, até a sua morte. Em consequência disso, Nao teve de vender bolinhos de arroz e coletar trapos e papéis. Em meio a todas essas dificuldades e infelicidades, ela começou a receber “mensagens” divinas, primeiro na forma de sonhos e, depois, diretamente por possessão pela divindade *Ushitora-no-Konjin*. Tentando desvelar a natureza dessa possessão inicial, Nao consultou um monge budista, um leitor da sorte através de um ábaco e chegou até a visitar as seitas *Tenrikyô* e *Konkôkyô* (fundada por Bunjirô Kawate, 1797-1887). Ela se tornou temporariamente adepta de *Konkôkyô*, mas foi capaz de instituir um culto independente com a ajuda de Kisaburô Ueda (que passou a ser chamado de Onisaburô Deguchi), com quem sua filha mais nova e sucessora se casou. Diz-se que Nao era analfabeta, mas sob as “ordens” da divindade possesora ela escreveu o *Ofudesaki* (“A ponta do pincel”), um dos livros sagrados da *Oomoto*, e manifestou poderes sobrenaturais.

Algumas reflexões e considerações teóricas

“Possessão por espírito”³ é um termo amplamente empregado para designar a experiência sociocultural interpretada como a presença de um

ser ou força sobrenatural no corpo e/ou mente de um indivíduo. A crença na possessão é um fenômeno muito difundido mundialmente e sua forma, diagnose e tratamento varia enormemente. A entidade possesora pode ser uma divindade, espírito de um morto, fantasma, espírito animal ou outro ser sobrenatural. A possessão pode ser uma coisa temida ou desejada; pode ocorrer “voluntariamente” ou não; pode ser controlada ou não; pode incluir o transe ou não. O escopo do tratamento pode ser o de expulsar o espírito possessor ou a criação de uma “relação simbiótica com o espírito”.

A crença na possessão por espírito é antiqüíssima no Japão e perdura até os dias de hoje. As entidades possessoras podem ser espíritos divinos, espíritos dos mortos (*onryo*, ou “espírito zangado”; *gaki*, ou “espírito faminto”; *muen-botoke*, ou “Budás ou espíritos sem afiliação”, etc.), espíritos de animais (raposas, serpentes, cachorros, gatos, etc.) ou espíritos de entidades espirituais, como o *tengu*, descrito como tendo a metade do corpo de um ser humano e a outra metade de um falcão. Muitas foram as explicações para o caso de Miki e Nao: loucura, possessão por um espírito de animal (*tsukimono*) ou da criatura sobrenatural *tengu*. No entanto, nem Miki nem Nao aceitaram a interpretação de “possessão por um espírito maligno” e ambas sustentaram igualmente que nos seus casos tratava-se de “possessões divinas” (*kamigakari*). Assim, elas não foram exorcizadas, mas desenvolveram relações simbióticas com suas respectivas divindades. Elas tinham a possibilidade de seguir a “via xamânica”, isto é, elas podiam tornar-se xamãs tradicionais (médium, adivinhador, curandeiro, etc.) ou líderes de cultos populares (locais) de novas divindades, como era bastante comum no final do século passado. Mas não foram essas as trajetórias delas, visto que elas ultrapassaram o papel limitado dos xamãs tradicionais japoneses e se tornaram fundadoras (*kyôso*) de grupos religiosos proeminentes.

Vejamos então como se deu esse processo em que duas mulheres “do lar” tornaram-se fundadoras religiosas com poderes xamânicos.

A primeira coisa que chama a atenção na biografia dessas duas mulheres é a seqüência de acontecimentos dramáticos, que culmina com a guinada radical da experiência possessional. Isso nos faz lembrar a ênfase dada por alguns autores ao papel dos acontecimentos dolorosos e dramáticos no desencadeamento de experiências religiosas. Para citar apenas alguns exemplos, Lewis (1977) sugere que uma mulher feliz no casamento é menos suscetível de passar por uma experiência religiosa ou se voltar para cultos possessionais do que sua irmã, cuja vida matrimonial está cheia de dificuldades. Para Obeyesekere (1981), conflitos intrapsíquicos, especialmente “experiências emocionais dolorosas”, são a fonte desencadeadora da recriação dos símbolos (culturais). Wilson (1985:249), citando Youngsook K. Harvey, nota que “espíritos procurando por humanos para possuí-los são atraídos pelos indivíduos cujo *maum* (coração/alma) foi fraturado por experiências de exploração e tragédia”.

E experiências dolorosas e dramáticas foram o que não faltou nas vidas de Nao e Miki. Nao Deguchi ficou órfã aos nove anos de idade e teve de se casar com um alcoólatra por quem não alimentava nenhuma paixão. Três de seus onze filhos morreram logo após o parto; o filho mais velho tentou suicídio; outro morreu em Taiwan, durante a guerra sino-japonesa; uma de suas filhas foi possuída por um espírito; e outra sofreu um colapso nervoso. Com a invalidez de seu marido, Nao teve de arcar com a responsabilidade de cuidar do marido e dos filhos. Afundada num estado de pobreza extrema, ela sobrevivia com a coleta de trapos e papéis e, esporadicamente, com tecelagem. Miki Nakayama foi levada a desistir de seu desejo de se tornar uma monja budista para entrar num casamento arranjado. Seu marido era o chefe nominal da família Nakayama, mas era ela quem de fato tomava conta dos interesses da família. Além disso, seu marido trouxe-lhe ainda mais sofrimentos, mantendo relação com uma amante. Por fim, há a dor na perna de seu filho mais velho, o único homem e virtual

herdeiro dos Nakayama. No contexto de eventos trágicos e dolorosos, ambas as mulheres foram repentinamente “possuídas” por divindades: Miki, em 1838, e Nao, em 1892.

Depois da possessão inicial, Miki e Nao passaram por um período de alienação psíquica, no qual elas ficaram apartadas de seus “egos” e de seus respectivos grupos sociais. Miki esteve em reclusão por quase três anos, ficando ausente do trabalho doméstico e ignorando seu marido e filhos. Após a primeira possessão, diz-se que Nao ficou duas semanas sem comer e mais de dois meses sem dormir.

Dez anos após a possessão “reveladora”, Miki Nakayama começou a dar aulas de costura para as garotas da vila. Era um passo para abolir a “experiência de auto-alienação”. Depois da morte de seu marido, Miki manifestou poderes supranaturais, curando os doentes e garantindo partos seguros e sem dor às gestantes. Nao Deguchi continuou a ser “possuída” intermitentemente e começou a profetizar e curar. Paralelamente à “reintegração” de suas personalidades, elas próprias foram reintegradas a seus respectivos meios sociais. Tanto a situação psíquica quanto a social delas melhoraram: de uma viúva miserável, Nao se tornou uma líder religiosa carismática; e Miki, além de se tornar uma fundadora, passou a ser o centro absoluto da família Nakayama.

Miki e Nao, assim como outros candidatos a xamã, tiveram de provar a verdade de suas alegações, para romper com o ceticismo do grupo social, bem como superar a “experiência de auto-alienação”. Isso significa que somente a manipulação do “idioma possessional” não era uma garantia para que atingissem o status de “fundador”. Foi preciso reiterar a “iniciação” por meio de outras possessões, como também fazer o uso de poderes sobrenaturais para mostrar visivelmente a verdade de suas palavras.

No início, os movimentos religiosos delas seguiram o modelo organizacional das associações religiosas tradicionais chamadas *Kô*, as quais tinham por objetivo a veneração de divindades especiais (*kami*), ou

Bodhisattvas. No entanto, elas se distinguiam dos *Kô* tradicionais, uma vez que não se ligavam a nenhum centro religioso tradicional ou a alguma rede de organizações de *Kô*, além de não cultuarem divindades tradicionais. Embora suas divindades tivessem origem na tradição religiosa sino-japonesa, elas apresentaram uma nova “versão” dessas divindades e enfatizaram o caráter particular das mesmas. Estas eram concebidas como divindades paternais que desejavam estar próximas da humanidade para reconstruir o mundo e “varrer o mal”. Por outro lado, os movimentos dessas duas mulheres não se organizaram de maneira tão complexa estrutural ou teologicamente quanto as religiões estabelecidas (como o budismo e o xintoísmo).

A partir da discussão acima, pode-se dizer que, no aspecto pessoal, a experiência possessional foi importante para ambas as mulheres, ao lidarem com seus problemas intra e interpessoais. A relação especial que tinham com suas divindades dava-lhes livre acesso ao mundo espiritual; a vida pessoal delas, bem como suas situações sociais mudaram. Mas além dessas mudanças no “microcosmo”, o caso delas apontava para mudanças no “macrocosmo”: elas foram capazes de manipular elementos da cultura japonesa para criar seus próprios ensinamentos, visões de mundo, mitologias e outros. Nesse sentido, pode-se dizer que a possessão como um estado especial ou “alterado” de consciência pode ser um instrumento de inovação ou modificação da cultura.

Havia muitos tipos de cura e de adivinhação no Japão, mas Miki Nakayama inovou utilizando-se de um objeto sagrado (*gohei*) e de um leque. Tendo como base as danças folclóricas japonesas, ela criou sua própria dança sagrada, o *kanrodai-zutome*. Ela ainda escreveu dezesseis volumes de poemas de inspiração divina em um estilo tradicional (*tanka*). Miki preparava as gestantes para um parto seguro e sem dor, tocando-lhes de leve e respirando três vezes em seus ventres (*obiya-yurushi*). Aqui é interessante fazer notar que no Japão feudal a mulher era tida basicamente como um instrumento de gerar filhos e

perpetuar a família como grupo corporativo (*ie*); além do que, havia uma noção de “poluição” (*kegare*) associada à mulher e a tudo o que diz respeito à natureza feminina (menstruação, parto, etc.). Iniciando suas atividades missionárias com o *obiya-yurushi*, Miki libera a noção de poluição associada ao parto e impõe um sentido sagrado à procriação. Para ela é um erro pensar que a mulher é poluída. “Homens e mulheres não têm a menor diferença, ambos são igualmente filhos de Deus”, dizia ela (cf. Usui, 1987:7-8).

Nao Deguchi começou a escrever repentina e mecanicamente palavras proféticas que chegaram a duzentas mil folhas (de papel japonês) ao longo de 27 anos. Dizem que curou Bun’emon Nishimura orando à divindade *Ushitora-no-Konjin* enquanto mantinha a mão direita no abdômen e a mão esquerda nas costas do paciente.

Os mentores da Restauração Meiji (1868) se esforçaram para manter a política antiga de unidade de culto e governo (*saisei-itchi*) em torno da pessoa do imperador. As bases ideológicas para o “carisma” da família imperial eram sua descendência mitológica da deusa do sol, *Amaterasu*. Segundo essa narrativa mitológica, os membros do clã Yamato que se tornavam imperadores eram os únicos e legítimos governadores do Japão. Nesse período em que a ideologia da autoridade divina do imperador estava em franca ascensão, Miki e Nao criaram suas próprias mitologias, distintas daquela do clã Yamato. Evidentemente a elite política e militar encarava qualquer tentativa de criar novos mitos ou de modificar a antiga mitologia como uma ameaça e faziam tudo para reprimir tais tentativas. Por isso é que Miki foi aprisionada algumas vezes e o movimento de Nao foi violentamente reprimido duas vezes (1921 e 1935) e só pôde ser oficialmente reconhecido com a nova Constituição, depois da Segunda Guerra.

A *Tenrikyô*, religião de Miki, tem alguns aspectos messiânicos e/ou milenaristas, mas é a *Oomoto*, religião de Nao, que tem características milenaristas mais evidentes. Nao Deguchi foi designada pela “divin-

dade da renovação do mundo” (*yonaoshi-gami*) *Ushitora-no-Konjin* para preparar a humanidade para a vinda da “nova era”. Essa divindade é originalmente o malévolo *Konjin* das crenças populares, mas, de acordo com a nova “versão” de Nao, essa divindade tornou-se vítima de divindades malévolas que o aprisionaram numa caverna três mil anos atrás. Dessa maneira, as divindades malévolas tomaram conta do universo, causando todo tipo de caos e discórdia no mundo atual. Porém, as coisas mudarão quando o deus original, *Ushitora-no-Konjin*, exercer seus poderes legítimos. Tal afirmação era um claro desafio a todas as implicações do mito que considera *Amaterasu* o ancestral divino da linha imperial, por isso era passível de receber repressão. Nao inovou as narrativas mitológicas por meio de inversão (por exemplo, pondo em questão a superioridade de *Amaterasu*) e dando sentido aos elementos invertidos com relação à sua mitologia milenarista.

Miki e Nao não inovaram todos os aspectos da cultura ou da tradição religiosa japonesa, mas elas inovaram e revitalizaram parte dessas. Evidentemente que, mesmo criando e inovando alguns dos elementos da cultura japonesa, elas reproduziram a tradição em muitos aspectos. Por exemplo, a organização tanto da *Tenrikyô* quanto da *Oomoto* segue o modelo das famílias corporativas tradicionais (*ie*). Esses grupos corporativos predominantes no período feudal eram compostos de pessoas co-residentes (parentes ou não), que compartilhavam a vida em todos os seus aspectos: social, econômico, político e religioso. Embora não sendo o único padrão, a primogenitura era o costume mais freqüente na sucessão à liderança desses grupos.

A sucessão hereditária ao cargo máximo (*shimbashira*, ou “ pilar verdadeiro”) da *Tenrikyô* ainda hoje se dá por intermédio dos homens da família Nakayama.⁴ Por outro lado, a norma de sucessão à liderança da *Oomoto* foi estabelecida por Nao por meio das mulheres da família Deguchi.⁵ Isso precisa ser entendido à luz da noção inovadora que Nao tinha de “gênero”. Ela questionava “a idéia [de] que sexo e gênero são

necessariamente isomórficos” (Hardacre, s. d.:14). Afirmando que “as mulheres têm qualidades superiores de tolerância e perseverança”, Nao põe ênfase na superioridade feminina: “Eu sou uma mulher, e porque eu [me] fortaleci por meio de sofrimentos em épocas passadas, eu posso fazer qualquer coisa” (citado em Hardacre, idem:15). Ela acreditava que, embora possuindo um corpo feminino, sua natureza era masculina. Como Hardacre ressalta: “Se gênero pode ser mudado, tudo pode ser mudado” (idem:30). Daí o potencial inovador e até mesmo revolucionário de algumas idéias de Nao Deguchi. A relação com a divindade faz com que Nao (e Miki também) questione o papel tradicional da mulher, isto é, a tríade filha-esposa-mãe. A nova identidade mostra a radicalidade da experiência religiosa: como “serva de deus” ela podia agir independentemente de seu sexo, ela podia até mesmo propor a liberação de certas “amarras” sociais, como a discriminação e a estigmatização das pessoas por sexo.

Aqui, faço um parêntese para chamar a atenção para o fato de duas mulheres fundarem religiões no Japão no final do século passado. Nessa época, as japonesas eram aconselhadas a não visitar templos ou santuários antes dos quarenta anos; nos cultos às montanhas, as mulheres eram discriminadas porque se acreditava que o sangue feminino era um elemento poluidor. Mesmo assim, a presença de mulheres nas chamadas “novas religiões” no Japão é muito marcante: há um número razoavelmente grande de mulheres-fundadoras e, atualmente, as mulheres constituem de sessenta a setenta por cento do contingente de adeptos (Fujii, 1975:401; Nakamura, 1981:188).

No entanto, como pode acontecer que duas mulheres interioranas, donas de casa, fundassem movimentos religiosos bem-sucedidos no final do século passado, quando o Japão começava a transição do feudalismo (caracterizado pela ideologia “machista” dos samurais) para a modernidade?

Em primeiro lugar, identifico na história do Japão a existência de duas vertentes culturais que explicaria em parte a possibilidade de duas

donas de casa feudais tornarem-se líderes religiosas: uma vertente pré-budista, que enfatiza uma alta valoração social e simbólica da mulher, enquanto outra mais recente enfatiza uma ideologia “machista”. O período pré-budista é famoso pela presença de imperadoras-xamãs, detentoras do poder político e religioso. É nesse período também que se encontra a origem do símbolo mitológico por excelência do Japão, que é *Amaterasu*, deusa do sol e ancestral da família imperial (e, por extensão, de toda a nação japonesa).

A cultura chinesa começou a influenciar o Japão pelo menos no começo da era cristã, porém o apogeu dessa influência no arquipélago nipônico se deu somente no período Asuka (500-710). Um dos marcos dessa corrente de importação cultural-tecnológica da China foi a introdução oficial do budismo, em 552, pelo reino de Paekche (sul da Coreia). Diz-se que, a partir da introdução do budismo e de toda a ética chinesa, foi-se tornando cada vez mais difícil o aparecimento das imperadoras-xamãs. O zen-budismo e o confucionismo, em particular, combinaram-se no Japão dando origem à norma de comportamento de orientação machista conhecida como *bushidô* (“a via do guerreiro”). O confucionismo pregava que a mulher deveria obedecer ao pai na infância, ao marido na maturidade e ao filho na velhice. Metaforicamente falando, a vertente que valoriza a mulher seria um *iceberg* que eventualmente emerge da superfície confucionista da “norma oficial” (isto é, da norma da elite).

Em segundo lugar, o movimento de ambas as mulheres se viabilizou devido à ajuda de co-fundadores muito eficientes: Miki foi ajudada por Iburi Izô (1833-1907) e Nao por Onisaburô Deguchi (1871-1948). Essa “diarquia”, que não é única nessas duas novas religiões japonesas, reflete a visão de mundo delas, a qual punha homem e mulher em pé de igualdade e pregava a complementariedade das duas partes. Associa Iburi e Onisaburô não à imagem do “marido (espiritual)”, mas à do “irmão místico”, imagem esta que tem muitos precedentes sim-

bólicos no repertório cultural japonês. Por exemplo, a deusa mitológica *Amaterasu* e seu irmão *Susanô*; a rainha Pimiko e seu irmão. A própria mitologia da *Oomoto* associa Onisaburô a *Susanô*.

Em terceiro lugar, o sucesso dos movimentos religiosos iniciados por Miki e Nao foram possíveis também por causa do clima de mudança por que passava o Japão. Não obstante a diferença de idade, Miki e Nao testemunharam as mudanças dramáticas na vida do país, que saía do regime feudal e entrava num rápido período de modernização. Pode-se dizer que essas mudanças radicais do país e, em especial, a atmosfera de “renovação do mundo” entre as classes populares, foram um fator fundamental nas inovações delas e sobretudo no sucesso da aceitação de tais atos inovadores. Como Barnett (1953:56) coloca,

A inovação floresce numa atmosfera de antecipação a ela. Se os membros de uma sociedade esperam por alguma coisa nova, ela está mais propensa de aparecer do que se ela não for prevista ou pressentida. A frequência de ocorrência aumentará na proporção do número de indivíduos expectantes. É como ver fantasmas à meia-noite. Quanto maior o número de pessoas que esperam vê-los, mais freqüentemente eles serão vistos.

Conclusão

Os dois casos vistos são, por um lado, exemplos típicos de “posseção por espírito” e, por outro, são citados como exemplos de continuidade da tradição xamânica japonesa. Isso não passa de um reflexo da antiga controvérsia acadêmica sobre a distinção e a diferenciação entre os dois fenômenos, o que foi reforçado pela dicotomia dos antropólogos americanos e britânicos. A ênfase que os antropólogos americanos davam ao termo “cultura” privilegiou o uso do termo “xamanismo” nos estudos dos esquimós e dos nativos sul-americanos; a

tradição estrutural funcionalista britânica enfatizou o uso do conceito “possessão por espírito”, principalmente nos estudos africanos.

Tem-se tornado cada vez mais consensual a idéia de que toda concepção rígida de xamã é limitada e frustrante em estudos comparativos. O célebre Mircea Eliade provavelmente excluiria Miki e Nao de sua categoria de xamã, embora as experiências religiosas delas apresentem o mesmo padrão da cerimônia tradicional de iniciação, na qual o noviço passa simbolicamente por estágios de sofrimento-morte-ressurreição. As duas mulheres deste texto passaram por experiências dolorosas durante o período inicial de ataques possessionais. Esse tipo de possessão reveladora levou-as a entrar num período de alienação, que pode ser interpretado como uma morte simbólica. Aí, elas renasceram para uma nova vida: uma condição sobre-humana e sagrada em que ambas receberam poderes místicos.

Freqüentemente se levantam dúvidas sobre a saúde mental de xamãs, fundadores, ascetas e outros. Uma pessoa pode muito bem encontrar algum tipo de desordem mental (esquizofrenia, megalomania, histeria, etc.) em uma pessoa que afirma ser deus (como o fez Jesus Cristo) ou que fala com e em nome de deus (como Miki e Nao). Mas não tentarei aqui determinar se as duas mulheres são ou não doentes mentais, e muito menos se existem ou não espíritos, se é possível ou não a possessão por espírito. A crença na possessão e toda a coloração cultural em torno dela é o que me interessa. Onde existe tal crença, as pessoas fazem em geral distinção entre a loucura e a “verdadeira” possessão, e mais, têm termos diferentes para fazer tal distinção.

Os casos vistos neste artigo são exemplos de possessão “bem-sucedida”, uma vez que (I) as duas mulheres conseguiram sair do estado de “auto-alienação” e isolamento social e (II) tiveram seus status sociais positivamente alterados. Se assim não fosse, elas provavelmente teriam entrado num estado de loucura e aí permanecido ou vivido no limiar loucura/normalidade. Ou, ainda, elas teriam sido exorcizadas.

Nesse caso, Miki teria retornado à sua rotina de dona de casa piedosa dentro de uma família corporativa feudal, e Nao teria permanecido a viúva solitária e miserável.

O contato com a divindade, porém, deu uma guinada de 180 graus na vida delas. O “aspecto social” da possessão (como eu chamo os atos criativos e inovadores delas baseados na relação com a divindade) não se manifestou imediatamente depois da possessão inicial; elas não se tornaram imediatamente fundadoras reconhecidas e legitimadas. Em termos sociológicos, esse é um processo no qual os adeptos conferiram a elas qualidades extraordinárias, chamadas por Max Weber de “carisma” (isto é, elas eram vistas como tendo qualidades divinas e extraordinárias), à medida que se manifestaram poderes sobre-humanos, tais como curar doentes, profetizar, etc.

Essas duas mulheres tornaram-se fundadoras não somente por causa de suas personalidades carismáticas e capacidade de liderança, mas também porque (I) elas tinham poderes sobrenaturais como o de curar doentes; (II) elas tinham uma “mensagem relevante” inspirada por divindades muito particulares; e (III) elas manipulavam elementos públicos/culturais, especialmente elementos das religiões populares (*minkan shûkyô*), o que significa que elas criaram novas doutrinas a partir das crenças populares e as ensinaram de uma maneira compreensível a seus adeptos.

Meu postulado básico concernente à inovação cultural é que, em princípio, todo ser humano é capaz de apreender e modificar a cultura; todos nós somos “inventores” de cultura. Alguns indivíduos são mais inventivos, outros mais imitadores, outros mais perpetuadores, mas todos temos em princípio as mesmas potencialidades para criar, inovar, manipular elementos culturais. A faísca, a centelha da criação, é individual. Nesse sentido, a criação é um ato solitário. Mesmo as “criações” coletivas, grupais e/ou culturais, têm origem no indivíduo; mas não num indivíduo desgarrado da história. Os atos individuais, bem

como as categorias e representações culturais têm igualmente suas raízes no contexto social. Mas os indivíduos não devem ser vistos como entes passivos com relação ao sistema sociocultural.

Portanto, cada pessoa manipula diariamente símbolos convencionais de uma maneira idiossincrática, quer dizer, as convenções são refeitas em e por intermédio de cada indivíduo. Por outro lado, as ações das pessoas não são acontecimentos ao acaso: a manipulação, renovação, invenção e validação da cultura são moldadas pelas convenções culturais preexistentes. Quando digo que Nao e Miki “inovaram” parte da cultura japonesa, tenho em mente uma “via de mão dupla”: indivíduo interferindo na cultura e sendo influenciado pela mesma. O “idioma possessional” manipulado por essas duas mulheres pertence ao repertório da cultura japonesa, porém elas o manipularam de uma maneira peculiar e original.

Contrastando com esse refazer diário da cultura, os chamados “estados alterados de consciência” (visões oníricas, concentração, êxtase, transe, etc.) são modos especiais de conhecimento, bem como são meios de provocar mudanças na realidade sociocultural. Particularmente no contexto de mudança social, esses estados de consciência são entendidos como “respostas adaptativas” às situações de instabilidade. Lewis (1977) demonstrou a importância da possessão de espíritos em contextos de diferenças sexuais e/ou sociais. Pressel (1973), estudando a umbanda, enfatiza a importância da possessão por espírito para os indivíduos numa sociedade em desenvolvimento como o Brasil, que é marcado por grandes desigualdades sociais.

Como foi visto, a possessão foi um mecanismo importante também para Miki Nakayama e Nao Deguchi. A experiência possessional mudou a vida delas radicalmente e se tornou fonte de legitimação de seus movimentos religiosos. Em tais revelações religiosas, novos conteúdos são normalmente introduzidos no repertório religioso e cultural. Em alguns casos podem surgir “movimentos revitalizadores” reli-

giosos ou seculares (movimentos nativistas, milenaristas, de reforma, “cargo cults”, comunidades utópicas, revoluções, etc), para usar a denominação de Anthony Wallace.

Miki e Nao manipularam elementos culturais preexistentes (mitos, danças, poemas, terapias, etc.) para criar seus próprios ensinamentos e visões de mundo. O ato inovador delas não consistiu de uma erradicação completa do “antigo” ou “tradicional”, mas sim de uma inovação de parte da “tradição”. Por fim, é preciso fazer notar que os casos de Miki e Nao ilustram bem o fato de que os “estados especiais de consciência” podem ser modos radicais de conhecimento, bem como meios de interferir na realidade sociocultural.

Para concluir o texto, é conveniente mencionar a tendência atual dentro da antropologia que não faz uma distinção tão radical entre o antropólogo e o “informante” e, assim, não subestima as capacidades criativas dos “informantes” ou “nativos”. Nao Deguchi e Miki Nakayama têm virtualmente as mesmas capacidades ou potencialidades de todo ser humano para inovar a cultura: elas também são “inventoras de cultura”. Enquanto as duas usufruíram os “estados especiais de consciência” para criar “novas” doutrinas religiosas, eu lanço mão de instrumentos teóricos de uma “ciência” chamada antropologia para completar uma tese ou um artigo. Enquanto elas dependeram basicamente de referenciais religiosos e manipularam materiais culturais preexistentes, eu faço uso de um referencial “científico” (ao menos como tentativa), ao manipular materiais publicados anteriormente.

Notas

- 1 Este texto se baseia numa comunicação apresentada no grupo de estudo (Anthropology/Sociology PhD. Kenkyūkai) da International House of Japan, Tóquio, em 01/11/89, sobre minha tese de mestrado (Pereira, 1989). Eu a defendi na Universidade de Tóquio, Departamento de Antropologia Cultural, onde sou atualmente candidato a PhD.

- 2 A *Tenrikyô* ("Religião da Sabedoria Divina" ou "Ensino da Verdade Divina") e a *Oomoto* ("A Grande Origem") são classificadas pela maioria dos especialistas como *shin-shûkyô* ("novas religiões") ou *shinkô-shûkyô* ("religiões surgidas recentemente"). Esses são termos japoneses utilizados para denominar os movimentos religiosos populares surgidos a partir do princípio do século passado até os dias de hoje. Essas duas religiões são muito importantes no cenário religioso japonês. Delas surgiram várias outras religiões: da *Tenrikyô*, por exemplo, surgiu a *Honmichi* (fundada por Aijiro Oonishi, 1881-1958); da *Oomoto*, a *Seichô-no-ie* (fundada por Masaharu Taniguchi, 1893-1985), a *Sekai Kyûseikyô* ou Igreja Messiânica (fundada por Mokichi Okada, 1882-1955) e outras. Ambas ingressaram no Brasil logo no primeiro estágio da imigração japonesa, precisamente na década de 20. A sede da *Tenrikyô* no Brasil se encontra em Bauru (SP) e a da *Oomoto* em Jandira (SP). Há inúmeros livros escritos sobre essas religiões, tanto em japonês como em línguas ocidentais. Para referência, citarei apenas Straelen, 1957; Ellwood Jr., 1982; Berthon, 1985; Itô, 1987.
- 3 O termo "possessão" é empregado aqui em concordância com sua utilização técnica dentro da antropologia, particularmente da escola britânica. Não há intenção alguma de dar-lhe um sentido pejorativo e limitado do tipo "possessão diabólica" ou "possessão maligna".
- 4 O único filho homem e mais velho de Miki, Shûji, parece não ter compreendido a profundidade dos ensinamentos e intenções de Miki. Portanto, a pessoa que seria sua sucessora natural era sua filha mais jovem, Kokan, que a acompanhava e era tratada pelos adeptos de *Waikai Kamisama*, "Venerável Deusa Jovem". Miki e Kokan usavam roupas vermelhas como símbolo da presença divina dentro delas. No entanto, Kokan se tornou a segunda mulher do marido de Oharu, sua própria irmã que tinha falecido. Por fim, o neto de Miki, Shinnosuke, tornou-se o primeiro *shimbashira* da *Tenrikyô*, após a morte da fundadora.
- 5 Em outras novas religiões japonesas, também há a sucessão pela linha feminina. Sayô Kitamura (1900-1967), fundadora da *Tenshō Kôtai Jingûkyô* ("Religião do Grande Santuário da Divindade Tenshō"), por exemplo, escolheu sua neta para sucedê-la. O que é freqüente, no entanto, é essa liderança feminina se desvanecer e se tornar uma liderança apenas nominal.

Bibliografia

- BARNETT, H. G.
1953 *Innovation: the basis of cultural change*, New York/Toronto/London, McGraw-Hill.
- BERTHON, J.-P.
1985 "Oomoto – Espérance millénariste d'une nouvelle religion japonaise", *Cahiers d'Études et de Documents sur les Religions du Japon*, Paris, Atelier Alpha Bleue.
- ELLWOOD JR., R. S.
1982 *Tenrikyo: a pilgrimage faith. The structure and meanings of a modern japanese religion*, Tenri, Nara, Oyasato Research Institute/Tenri University.
- FUJII, M.
1975 "Gendai no Josei Kyosô" [As fundadoras das novas religiões da época contemporânea], in *Kindai no Josei Gunzô* [Grupo de mulheres da época moderna], Tokyo, Hyôron-sha, Kasahara editor.
- HARDACRE, H.
s. d. *Gender and the millenium in Omoto kyodan: A modern Japanese religion*. Texto não publicado.
- ITÔ, E.
1987 *Oomoto – A vida de Nao e Onisaburo Deguchi*. Tradução de SILVA, Benedicto, São Paulo, Verso/Associação Religiosa Oomoto do Brasil.
- LEWIS, I. M.
1977 *Êxtase religioso: um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo*. Tradução de MADUREIRA, J. R. S. (do original inglês *Ecstatic religion*), São Paulo, Perspectiva.

NAKAMURA, K.

- 1981 "Revelatory experience in the female life cycle: a biographical study of women religionists in modern Japan", *Japanese Journal of Religious Studies* 8/3-4:187-205, set/dez.

OBEYESEKERE, G.

- 1981 *Medusa's hair: an essay on personal symbols and religious experience*, Chicago/London, The University of Chicago Press, xiii-217.

PEREIRA, R. A.

- 1989 *Possession and cultural innovation: the religious experience of Nakayama Miki and Deguchi Nao*, Tóquio, pp. 189, dissertação, Universidade de Tóquio, Departamento de Antropologia Cultural (dez. 1988).

PRESSEL, E.

- 1973 "Umbanda in São Paulo: religious innovation in a developing society", in BOURGUIGNON, E. (editor), *Religion, altered states of consciousness, and social change*, Columbus, Ohio State University Press, pp. 264-318.

STRAELEN, H.

- 1957 *The religion of divine wisdom: Japan's most powerful religious movement*, Kyoto, Veritas Shoin.

USUI, A.

- 1987 "Josei Kyôso no Tanjo" [The process of becoming a female religious founder], in *Shûkyô Kenkyû* [Journal of Religious Studies], vol. LXI-3:1-36, n° 274 (dez.), Tokyo, The University of Tokyo (Japanese Association for Religious Studies).

WILSON, B. A.

- 1985 *Power to the powerless: shamanism and the korean woman*, pp. 273, tese, Universidade de Wiconsin-Madison.

ABSTRACT: It's usual to consider religion as a conservative institution. Nonetheless, this article shows that it may also have a great transforming potential. The history of two Japanese religious founders, Miki Nakayama (1789 - 1887) and Nao Deguchi (1836 - 1918) is taken to discuss three levels of religious experience: (I) the person's personality reintegration level, (II) the person's social status change, and (III) this "transformed" person's chance of interfering or changing the sociocultural system. More than the change itself, what really matters here is the possibility of change created by special states of consciousness (possession, oneiric visions, hallucinations, etc.)

KEY WORDS: religion, Japan, possession.

Recebido para publicação em fevereiro de 1992.